



REVISTA ELETRÔNICA

Acervo MÉDICO

ISSN 2764-0485

Avaliação do nível de conhecimento em primeiros socorros pelos acadêmicos de medicina da região do Alto Tietê

Assesment of knowledge level in first aid by medical students in the Alto Tietê region

Evaluación del nivel de conocimientos en primeros auxilios por estudiantes de medicina de la región del Alto Tietê

Karen Kofity Grigoletto¹, Gustavo Ghirelli Nunes Galvão¹, Victoria Sideri de Carvalho¹, Gregory Carvalho Rodrigues¹, Maria Fernanda Marques Lima¹, Pedro Rogatis Nunez¹, Fabiano Bezerra Menegidio¹, Júnia Shizue Sueoka¹.

RESUMO

Objetivo: Analisar o nível de conhecimento dos estudantes de medicina do primeiro e quarto ano da Faculdade de Medicina da região do Alto Tietê sobre o tema primeiros socorros. **Métodos:** Foi realizado um estudo transversal com a aplicação de um questionário online quali-quantitativo para analisar o nível de conhecimento dos estudantes, maiores de idade e de ambos os sexos, acerca das técnicas de primeiros socorros e das situações de emergência em que se sentem mais confortáveis para intervir. Foram elaboradas 37 questões de múltipla escolha abordando temas como: presença de sinais vitais, convulsões, entorse, suspeita de fratura da coluna cervical e imobilização, massagem cardíaca, distensão muscular, fraturas, desmaio e choque. **Resultados:** Durante a coleta de dados, foram obtidas 83 respostas. Entre as respostas fornecidas, observou-se que 97,6% dos estudantes concordavam com a necessidade do conhecimento das técnicas de primeiros socorros para evitar mortes e prevenir sequelas durante sua prática. **Conclusão:** O estudo evidencia a importância das intervenções e práticas educativas sobre primeiros socorros na formação dos estudantes de medicina. Esses conhecimentos serão essenciais para suas futuras práticas clínicas.

Palavras-chave: Primeiros socorros, Estudantes de Medicina, Nível de conhecimento, Intervenções educativas, Formação clínica.

ABSTRACT

Objective: To analyze the level of knowledge of first and fourth-year medical students at the School of Medicine in the Alto Tietê region regarding the topic of first aid. **Methods:** A cross-sectional study was conducted, utilizing a quali-quantitative online questionnaire to assess students' knowledge levels. The questionnaire targeted adult students of both genders and examined their understanding of first aid techniques and the emergency situations in which they feel most comfortable intervening. Thirty-seven multiple-choice questions were developed, covering topics such as presence of vital signs, seizures, sprains, suspected cervical spine fracture and immobilization, cardiac massage, muscle strain, fractures, fainting, and shock. **Results:** During data collection, 83 responses were obtained. Among the provided responses, it was observed that 97.6% of the students agreed on the necessity of knowledge in first aid techniques to prevent deaths and mitigate sequelae during their practice. **Conclusion:** The study highlights the importance of educational interventions and practices on first aid in the education of medical students. This knowledge will be essential for their future clinical practices.

Keywords: First aid, Medical students, Level of knowledge, Educational interventions, Clinical training.

¹ Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes - SP.

RESUMEN

Objetivo: Analizar el nivel de conocimiento de los estudiantes de medicina del primero y cuarto año de la Facultad de Medicina de la región del Alto Tietê sobre el tema de primeros auxilios. **Métodos:** Se realizó un estudio transversal con la aplicación de un cuestionario en línea cuali-cuantitativo para analizar el nivel de conocimiento de los estudiantes, mayores de edad y de ambos sexos, acerca de las técnicas de primeros auxilios y las situaciones de emergencia en las que se sienten más cómodos para intervenir. Se elaboraron 37 preguntas de opción múltiple que abordaron temas como: presencia de signos vitales, convulsiones, esguinces, sospecha de fractura de la columna cervical e inmovilización, masaje cardíaco, distensión muscular, fracturas, desmayos y shock. **Resultados:** Durante la recolección de datos, se obtuvieron 83 respuestas. Entre las respuestas proporcionadas, se observó que el 97,6% de los estudiantes estaban de acuerdo con la necesidad del conocimiento de las técnicas de primeros auxilios para evitar muertes y prevenir secuelas durante su práctica. **Conclusión:** El estudio destaca la importancia de las intervenciones educativas y prácticas en primeros auxilios en la formación de los estudiantes de medicina. Este conocimiento será esencial para sus futuras prácticas clínicas.

Palabras clave: Primeros auxilios, Estudiantes de Medicina, Nivel de conocimiento, Intervenciones educativas, Formación clínica.

INTRODUÇÃO

Os primeiros socorros têm como função realizar o atendimento imediato da vítima objetivando ajudar a pessoa que se encontra ferida e incapacitada a recuperar-se rapidamente e principalmente manter a vítima viva e estabilizada até a chegada do serviço de emergência pré-hospitalar (CABRAL EV e OLIVEIRA MFA, 2017). A eficácia no manejo durante um atendimento de primeiros socorros está diretamente ligada a aplicação correta de técnicas básicas que visam manter as funções vitais da vítima. Entretanto o conhecimento dessas técnicas é de extrema importância para que o atendimento inicial à vítima ocorra de maneira adequada, e que o problema não seja agravado (FILHO AR, et al., 2015). As técnicas e o conhecimento acerca dos primeiros socorros deveriam ser empregados para todas as pessoas que tenham capacidade de ajudar uma vítima, não sendo necessário que a pessoa seja um profissional da área da saúde, pois nem sempre estas pessoas estarão presentes, fazendo com que essas pessoas que obtiveram o treinamento consigam reverter uma situação de emergência e ajudar no processo de resgate da vítima (MARKENSON D, et al., 2010).

No Brasil a quantidade de agravos a saúde por conta de acidentes, sejam eles no cotidiano, no trânsito, nos domicílios, no ambiente de trabalho e em outros locais, são de grande relevância, e mesmo assim o ensino de primeiros socorros ainda é pouco difundido entre as pessoas da sociedade. No entanto esse déficit de conhecimento da população pode gerar alguns problemas em situações de emergência, como o estado de pânico ao ver a vítima acidentada ou a manipulação de forma incorreta da vítima, corroborando para uma falha no processo resgate da pessoa acidentada (NARDINO J, et al., 2012). A educação em saúde é uma forma de auxiliar na capacitação da população visando a prevenção e promoção da saúde, a fim de evitar que situações de emergência tenham um desfecho problemático. Além disso, cria-se a possibilidade de uma reflexão crítica por parte das pessoas envolvidas no processo de aprendizado acerca dos conhecimentos em educação da saúde, contribuindo assim para uma maior imersão da sociedade nas responsabilidades diante de situações de emergência e agravos referentes à saúde (FERREIRA LA, et al., 2018).

Sendo assim uma das principais formas de promover educação em saúde é o ensino de primeiros socorros. Essa questão ganhou certa importância visto que o número de óbitos e sequelas limitantes passaram a ser frequentes no cotidiano da sociedade. No Brasil os acidentes e a violência contribuem para um grande aumento da morbimortalidade entre crianças e adolescentes entre 5 e 19 anos de idade. Por isso a implementação de medidas que aumentem o nível de conhecimento em primeiros socorros é de extrema necessidade, principalmente a nível escolar e universitário (LEMOS EFL, et al., 2012).

A intenção de promover a educação em saúde se dá pelo fato de que um conhecimento que está restrito ao âmbito da saúde, quando intermediado por profissionais e exposto a uma população que não tem domínio, possibilita que esses conhecimentos passem a ser parte da vida cotidiana destas pessoas, visando assim

uma melhor compreensão das situações de urgência e emergência para que possam ser tomadas melhores decisões e condutas acerca da saúde (PEREIRA KC, et al., 2015). Por isso, acredita-se que uma capacitação da população em relação à treinamentos na aérea da saúde, irá contribuir com o trabalho de educação em saúde pelos profissionais específicos da área, corroborando com políticas nacionais de redução da morbimortalidade (FERREIRA MGN, et al., 2017). Diante de tais fatos, o presente trabalho foi elaborado com o objetivo de analisar os níveis de conhecimento de estudantes universitários sobre primeiros socorros.

MÉTODOS

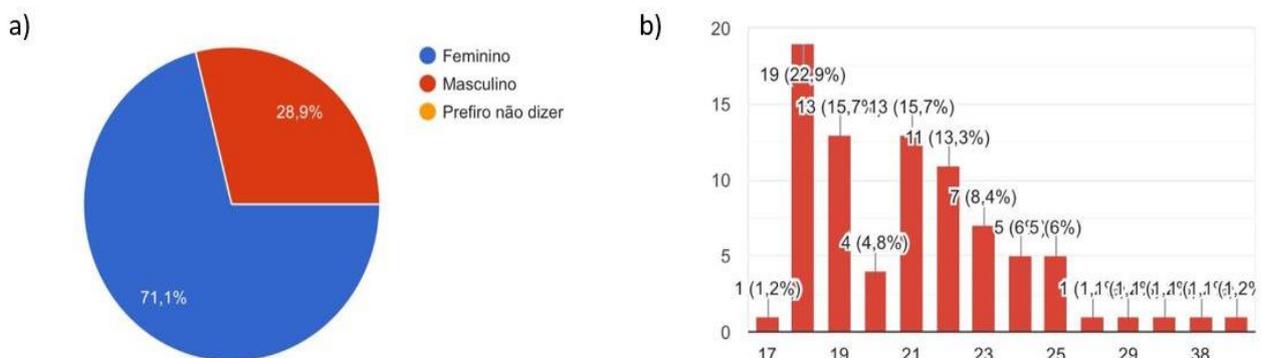
A fim de cumprir com os objetivos estabelecidos, a equipe do estudo colheu informações de estudantes previamente matriculados e cursando Medicina do primeiro e quarto ano da região do Alto Tietê, SP. Escolhemos essa seleção de estudantes para que fosse possível fazer um comparativo entre os estudantes no início do curso de Medicina e do meio do curso. A coleta de dados ocorreu através de questionário online desenvolvido através da ferramenta Google Forms que foi elaborado com base em literatura científica prévia (CAVALCANTE JL, 2015). O questionário conteve perguntas sobre idade, sexo, curso e o semestre cursado e só participaram os estudantes que concordaram com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), além de apresentar 26 questões que buscaram avaliar o conhecimento prévio dos estudantes com relação ao tema de primeiros socorros, com perguntas direcionadas a procedimentos de emergência, como fraturas, convulsões, dados vitais, lesões, massagem cardíaca, distensão muscular, parada cardiorrespiratória, imobilização, hemorragias, choque, desmaios e afogamento.

Foram incluídos na pesquisa alunos que estavam cursando medicina do primeiro ano letivo e do quarto ano, que concordaram em participar clicando no concorde do TCLE. Foram excluídos da pesquisa os alunos dos demais anos da medicina, alunos de outras universidades e alunos de outros cursos. O presente projeto foi aprovado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade de Mogi das Cruzes sob CAAE 45392221.0.0000.5497 e Número do Parecer 5.083.309.

RESULTADOS

Após a coleta de dados obtivemos 83 respostas com os estudantes do curso de Medicina da região do Alto Tietê, os quais concordaram em responder a pesquisa, aceitando os termos expressos no TCLE. A prevalência de idade dos participantes foi de 17 a 38 anos. Desses, 71,1% eram do sexo feminino e 28,9% eram do sexo masculino. Entre todos os indivíduos, 60,3% estavam entre a idade de 17 e 21 anos, 27,7% entre 22 e 24 anos, 8,4% entre 25 e 29 anos e 3,6% acima dos 30 anos. O número total de alunos do sexo feminino (59) superou em número a contraparte masculina (24). Essas informações são apresentadas na **Figura 1**.

Figura 1 - Distribuição por sexo (A) e por idade (B) dos participantes da pesquisa.

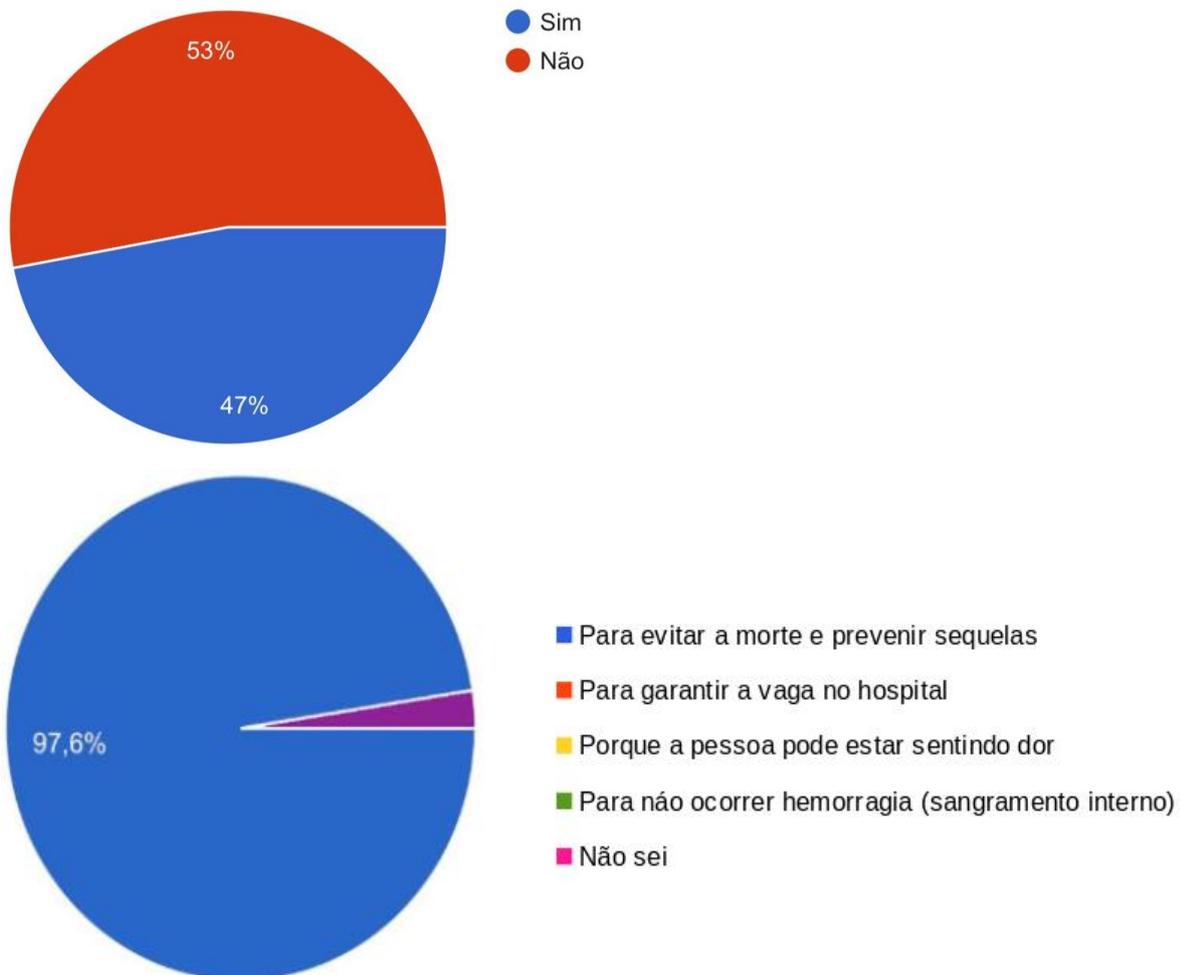


Fonte: Grigoletto KK, et al., 2023.

Em relação a algum tipo de treinamento sobre primeiros socorros, 47% das pessoas responderam que já tiveram e 53% não tiveram nenhum tipo de treinamento (Figura 2). De acordo com as respostas, o treinamento

que eles obtiveram foram aulas de primeiros socorros, treinamento de parada cardiorrespiratória e em suporte avançado de vida (SAV).

Figura 2 - Prevalência de treinamento sobre primeiros socorros entre os participantes da pesquisa (A). Percepções dos estudantes sobre a importância da intervenção imediata nos primeiros socorros (B).



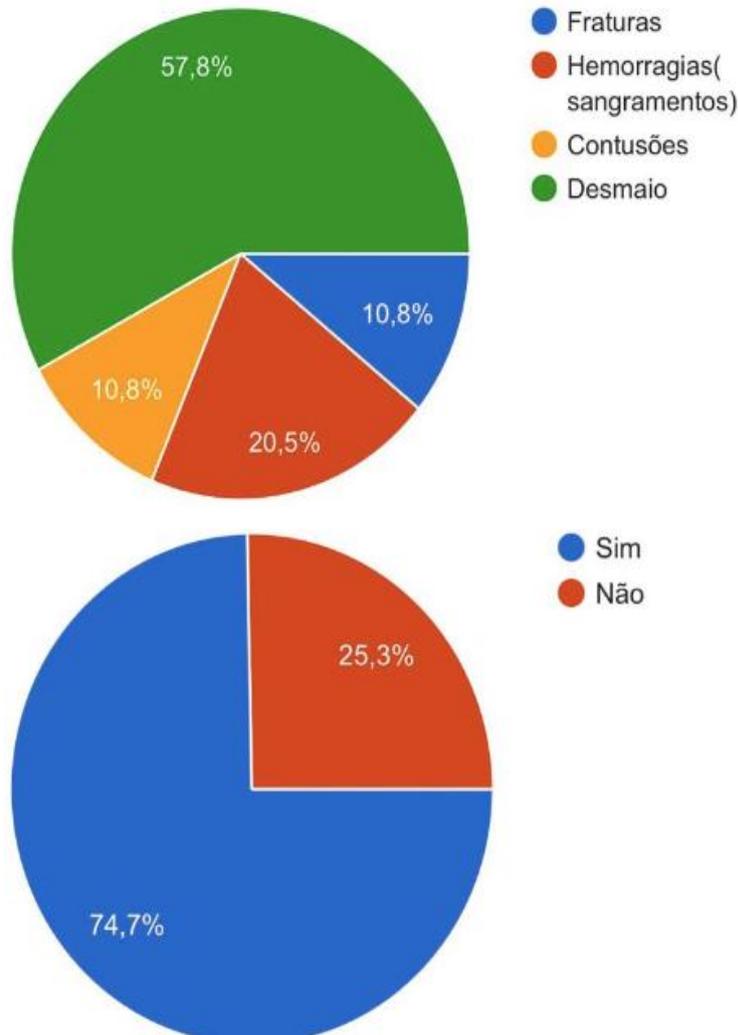
Fonte: Grigoletto KK, et al., 2023.

Entre os estudantes envolvidos no estudo, 97,6% afirmaram que é crucial executar procedimentos de primeiros socorros de maneira adequada em um período breve para evitar óbitos e minimizar possíveis sequelas. Em contrapartida, 2,4% indicaram desconhecimento sobre a razão pela qual a pronta intervenção é necessária (**Figura 2B**).

Em relação as situações de emergência que o estudante mais se sente confortável em realizar uma intervenção, 57,8% responderam desmaios, 20,5% hemorragias (sangramentos), 10,9% contusões e 10,8% fraturas (**Figura 3A**). Além disso, 66,3% disseram que já deixaram de prestar socorro por ter medo de cometer algum tipo de erro enquanto 19,3% referem não lembrar e apenas 14,5% disseram que não deixaram de prestar socorro por medo.

Figura 3 - Preferências de intervenção em situações de emergência entre os estudantes (A).

Distribuição das habilidades dos participantes na verificação de sinais vitais. (B)



Fonte: Grigoletto KK, et al., 2023.

Sobre verificar a presença de sinais vitais em uma pessoa, 74,7% dos participantes relataram conseguir enquanto 25,3% não conseguem verificar (Figura 3B). Dentre as repostas, tínhamos como sinais a pulsação, o nível de consciência, a respiração entre outros. Ademais, na pesquisa colocamos alguns serviços de emergência e perguntamos quais os alunos sabiam o número para contato, 54,2% responderam o Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), 26,5% não sabe de nenhum, 12% da polícia enquanto o resto colocaram a opção 'outro' sem justificativas.

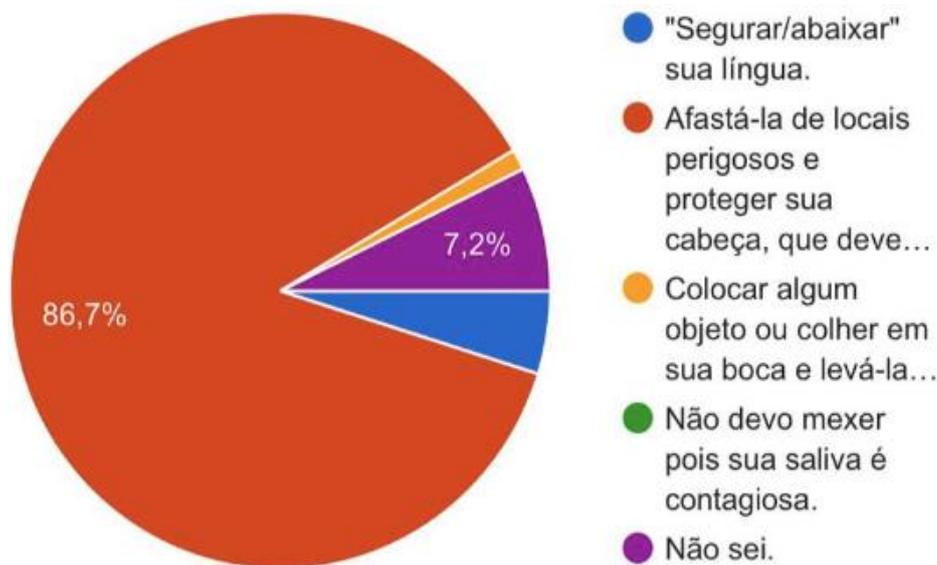
Caso uma pessoa estiver convulsionando, 86,7% responderam que deve afastá-lo de locais perigosos e proteger sua cabeça, que deve estar preferencialmente de lado. 7,2% responderam não saber o que fazer enquanto as outras porcentagens ficaram divididas entre segurar/abaixar sua língua e colocar um objeto ou colher em sua boca e levá-lo ao hospital (Figura 4). Entre os participantes, foi questionado como verificar se a vítima está respirando, 48,2% responderam utilizando os sentidos de visão, audição e tato. Enquanto 34,9% relataram verificar a pulsação, 9,6% responderam colocar um espelho em frente ao rosto da vítima e 7,2% não souberam responder.

Se precisasse realizar respiração boca a boca, 67,5% responderam que se deve inclinar a cabeça da vítima para trás, tampar o nariz e abrir a boca, após encher o peito de ar, insuflar dentro da boca da vítima,

outros 20,5% relataram não saber como fazer o processo e 12% responderam que o certo é inclinar a cabeça da vítima para trás e abrir a boca dela, encher o peito de ar e insuflar na boca da vítima (sem tampar o nariz).

Dentre os alunos, foi perguntado se algum faria massagem cardíaca mesmo sem ter feito a respiração boca a boca e 55,4% responderam que sim, 38,6% responderam que não sabiam e 6% responderam que não. Ainda sobre massagem cardíaca, foi perguntado qual o local do corpo adequado para a realização, 71,1% responderam ser sobre o osso do meio do peito na altura dos mamilos, 13,3% responderam sobre o coração, no local esquerdo do peito, 12% não sabiam e 3,6% responderam ser na parte superior do peito perto das clavículas. Em relação ao procedimento de uma distensão muscular, 54,2% relataram imobilizar o local ou membro e aplicar compressas frias. 34,9% responderam que não sabem, 6% disseram imobilizar o local e erguê-lo acima da cabeça e as outras porcentagens ficaram entre aplicar compressas quentes e erguer o local/membro acima da cabeça ou estancar o sangramento com gaze esterilizada ou panos limpos e erguer o local/membro.

Figura 4 - Respostas dos participantes quanto às ações recomendadas durante uma convulsão.



Fonte: Grigoletto KK, et al., 2023.

De acordo com a pesquisa, foi respondido sobre os sinais e sintomas de entorses e, 47% relataram se dor ao movimentar-se, deformidade da articulação, inchaço e ocasional perda de mobilidade. 37,3% afirmaram não saber, 8,4% disseram extravasamento de sangue e inchaço. E os outros 7,3% ficaram entre impossibilidade de movimentar-se, hematomas e deformidade da articulação e também dor no local, hematomas, fratura interna e inchaço.

Em relação a luxação, 67,5% responderam que se deve imobilizar o local e aplicar gelo. Já 18,1% responderam que não sabem o que fazer, 9,6% colocariam o osso no lugar e depois aplicariam gelo, os outros 4,8% ficaram entre imobilizar o local e aplicar calor ou colocar o osso no lugar e aplicar calor. Em casos de suspeita de fraturas, 42,2% responderam que deve imobilizar a região, elevar o membro lesionado e aplicar gelo, 27,7% não sabem o que fazer, 14,5% colocaram que movimentaria de leve a região e aplicaria gelo além de imobilizar o local, 13,3% responderam que imobilizariam a região, aplicariam calor e imobilizaria o local. Por fim, 2,3% movimentariam de leve a região, aplicaria calor e imobilizaria o local. Dentre os alunos participantes, em casos de suspeita de fratura da coluna cervical, 67,5% responderam que imobilizaria a vítima deitado de costas, se for necessário movimentaria a vítima com um bloco sem mexer a cabeça, tronco ou membros. 22,9% relataram não saber o que fazer nessa situação. 6% deitariam a vítima de bruços e aguardaria o socorro e 3,6% deitariam a vítima de lado e aguardaria o socorro. Sobre o procedimento diante de hemorragias, 25,2% estancariam com pano limpo, 24,1% fariam torniquetes e estancaria com pano limpo,

24,1% não souberam relatar, 13,3% estancariam com pano limpo, elevaria e flexionaria o membro atingido, 13,3% fariam torniquete e estenderia o membro para cessar o sangramento.

Já em casos de desmaio ou estado de choque, 31,3% dos estudantes responderam que verificaria os sinais vitais, repousariam a vítima e tentaria acordá-la, 28,9% verificariam os sinais vitais, afrouxariam a roupa da vítima, repousaria e aqueceria a mesma e depois tentaria acordá-la. 20,5% também iriam checar os sinais vitais da vítima, repousá-la e aquecer a mesma. 16,9% não saberiam o que fazer e 2,4% tentaria acordar a vítima, dar água para ela e arejar a mesma. Por fim, nas vítimas de afogamento, 56,6% dos participantes tentariam retirar a vítima com corda, boia ou outro material ou caso nadasse bem ela mesmo retiraria. 20,5% relataram não saber o que fazer. 12% jogariam um objeto para a vítima se apoiar e então resgatar a vítima mesmo se não souber nadar. 6% jogariam um objeto para a vítima se apoiar e nadar até um local seguro e 4,9% somente esperaria o socorro.

DISCUSSÃO

É de suma importância que as medidas prestadas durante um atendimento de uma vítima sejam de conhecimento do médico socorrista, estudante de medicina e poderia até mesmo ser do público leigo, se tivéssemos um maior investimento na transmissão de programas que visassem informar a respeito do tema, visto que quando ocorre uma situação de emergência, o pânico pode-se instalar tanto na vítima, tanto em quem está prestando socorro (BASTOS TR, et al., 2020).

Muitas vidas podem ser salvas e sequelas minimizadas quando o socorro é prestado imediatamente e com qualidade, isso engloba não somente a utilização do conhecimento de técnicas corretas, mas também saber avaliar o estado da vítima, saber solicitar ajuda, informar sobre o local e agir dentro do conhecimento e dentro dos seus limites (FILHO AR, et al., 2015). O presente estudo verificou que cerca de 66,3% dos alunos participantes da pesquisa disseram que já deixaram de prestar socorro por terem medo de cometer algum erro comparado com 14,5% que disseram que não deixariam de prestar socorro por medo. O que condiz com o estudo realizado por Oliveira LGM, et al. (2017) em que é observado que muitas vezes ocorre situação de pânico tanto nas vítimas tanto em quem está prestando socorro.

O despreparo da população no atendimento e acolhimento inicial das vítimas de acidentes e urgências domiciliares foi evidenciado em vários estudos. Já no estudo mais atualizado realizado pela Maia ER, et al. (2014), com os alunos de Medicina no Ceará, foi demonstrado que em relação ao reconhecimento da presença de sinais de vida, 83,1% dos alunos referiram saber; sendo que desses alunos, 90,3% responderam corretamente acerca dos sinais de vida.

Entretanto, somente 35,9% dos que souberam reconhecer a presença de sinais de vida citaram somente pulso e movimento respiratório, enquanto 46,6% mencionaram apenas a presença de pulso e 5,6% de respiração. Enquanto no presente estudo, quando questionados os participantes sobre verificar a presença de sinais vitais em uma pessoa, 74,7% dos participantes relataram conseguir enquanto 25,3% não conseguem verificar. Dentre as repostas, tínhamos como sinais a pulsação, o nível de consciência, a respiração entre outros.

Segundo Fernandes CR, et al. (2014), no estudo sobre o conhecimento de estudantes de medicina sobre o SAMU, foram observadas muitas perguntas semelhantes com o presente estudo, foi observado que existe uma fragilidade do conhecimento dos alunos da medicina UFC, sobre informações necessárias como contatar o SAMU, sobre o seu funcionamento, sendo preocupante pois a população que mais deveria entender sobre o assunto, que são os médicos em formação, não possuem esse conhecimento. Sendo assim, acredita-se que a população, compreende menos ainda sobre um serviço que é primordial para salvar a vida de inúmeras pessoas.

Já no presente estudo observamos uma correlação feita com o estudo de Fernandes CR, et al. (2014), em que apenas 54,2% dos alunos sabiam o número para contato do SAMU, 26,5% não sabiam de nenhum telefone para telefonar pedindo socorro, 12% da polícia, enquanto o resto colocaram a opção 'outro' sem justificativas. A literatura científica é constantemente atualizada no que diz respeito à abordagem da parada

cardiorrespiratória. No entanto, estudos indicam que, mesmo diante das informações disponíveis, as habilidades e o conhecimento relacionados à detecção da PCR, à sequência do suporte básico de vida e às manobras necessárias ainda são inadequados na implementação das intervenções (SANTOS JR, 2018). Na presente pesquisa, os participantes foram indagados sobre a abordagem cardiorrespiratória, revelando resultados insatisfatórios, semelhantes a outros estudos, no que se refere à técnica de ventilação e compressão, à permeabilidade da via aérea em casos de suspeita de lesão cervical, e quanto ao ritmo, profundidade e local apropriado das compressões.

Do mesmo modo, que um estudo realizado na Índia, por Pande S, et al. (2014) com mais ou menos 50 alunos de medicina também observaram baixo nível de conhecimento sobre manobras de reanimação. Assim é possível observar que a maioria dos estudos ainda mostra um despreparo de conhecimento prático e teórico dos alunos acerca de primeiros socorros. Em relação ao presente estudo foi observado que a maioria dos alunos ainda não se sentem preparados para atuar frente algum episódio de emergência cotidiana, foi observado uma maior prevalência de conhecimento a respeito das técnicas de primeiros socorros nos alunos do oitavo semestre em relação aos alunos recém ingressados na faculdade, assim como no estudo de Maia ER, et al. (2014), em que os alunos do primeiro semestre tiveram conhecimento equiparado ao público leigo já que tiveram poucas chances de serem submetidos a treinamentos relacionados ao tema.

Na maioria das universidades a disciplina teórica de primeiros socorros para os alunos da medicina é lecionado no quinto e sexto semestre, assim como ocorreu com os alunos do presente estudo, por isso a porcentagem de acertos entre os alunos do quarto ano foi maior quando comparado aos alunos do primeiro ano. Ainda assim, mesmo os alunos do quarto ano apresentaram dúvidas sobre as técnicas de primeiros socorros e muitos responderam que não se sentem preparados se colocados à frente de uma situação que exija esses cuidados.

Existe uma possibilidade de correlação entre o aprendizado teórico e prático na disciplina de primeiros socorros. Isso se deve ao fato de que 90% do conteúdo teórico é abordado nos quinto e sexto semestres, enquanto a prática cotidiana ocorre apenas nos nono e décimo semestres do curso. Essa observação reflete uma correspondência com a pesquisa de Alves TS e Cogo AP (2006), que sustenta a ideia de que os cursos teórico-práticos tendem a proporcionar resultados mais eficazes, visto que oferecem uma melhor assimilação de conhecimentos e habilidades, ao contrário do que é percebido em cursos predominantemente teóricos.

CONCLUSÃO

Ainda hoje grande parte das pessoas não sabem como agir diante de uma situação de emergência ou desconhecem a importância que os primeiros socorros têm para o auxílio imediato nessas ocorrências. Na prática da medicina faz-se necessário que tenhamos como entendimento que os primeiros socorros são medidas de extrema importância para salvar a vida de pessoas em caso de acidentes, ou situações emergenciais cotidianas, e, portanto, neste estudo confirmamos que suas aplicações são imprescindíveis para a saúde e segurança coletiva. Contudo, saber como proceder antes de prestar qualquer auxílio a alguém é essencial para que sejam tomadas as medidas corretas, a prática inadequada pode até agravar a situação e o quadro do paciente.

AGRADECIMENTOS E FINANCIAMENTO

Expressamos nossa sincera gratidão à Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), à FAEP, ao Núcleo de Pesquisas Tecnológicas e ao Núcleo Integrado de Biotecnologia, ambos da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), e ao Laboratório de Bioinformática e Ciências Ômicas (LaBiOmics), cujo apoio foi fundamental para a realização desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

1. ALVES TS e COGO AP. Buscando evidências para a capacitação em suporte básico de vida: uma revisão sistemática de literatura. Online Bras J Nurs, 2006; 5 (2): 231-239.

2. BARUTCU CD, et al. Level of Knowledge and Factors Affecting First Aid in Vocational High School Students. *International Journal of Caring Sciences*, 2017; 10 (3): 1563-1568.
3. BASTOS TR, et al. Conhecimento de Estudantes de Medicina sobre Suporte Básico de Vida no Atendimento à Parada Cardiorrespiratória. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2020; 44 (4): e111.
4. CABRAL EV e OLIVEIRA MFA. Primeiros socorros na escola, conhecimento dos professores. *Ensino, Saúde e Ambiente*, 2017; 10 (1): 175-186.
5. CAVALCANTE JL. Avaliação do nível de conhecimento em primeiros socorros de acadêmicos do curso de educação física da UFRN. *Dissertação (Bacharelado em Educação Física)*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015; 12p.
6. FERNANDES CR, et al. Conhecimento de Estudantes de Medicina sobre o Funcionamento do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu). *Rev Brasileira de Educação Médica*, 2014; 38 (2): 253-260.
7. FILHO AR, et al. A Importância do Treinamento de Primeiros Socorros no Trabalho. *Revista Saberes, Faculdade de São Paul*, 2015; 3(2): 114-125.
8. LEMOS EFL et al. Educação em saúde: a experiência de alunos de medicina no ensino em primeiros socorros. *Repositório UNB*; 2012, n. 20.
9. MAIA ER, et al. Conhecimentos em Atenção Pré-Hospitalar e Suporte Básico de Vida por Estudantes Recém-ingressos de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2014; p. 38 (1): 59-64.
10. NARDINO J, et al. Atividades educativas em primeiros socorros. *Revista Contexto e Saúde*, 2012; 12 (23): 88-92.
11. OLIVEIRA LGM, et al. Crise de pânico: abordagem no pronto-socorro. *Ensaio USF*, 2017; 1 (1): 25-33.
12. PANDE S, et al. Evaluation of retention of knowledge and skills imparted to first-year medical students through basic life support training. *Adv Physiol Educ*, 2014; 38 (1): 42-5.
13. PEREIRA KC, et al. A construção de conhecimentos sobre prevenção de acidentes e primeiros socorros por parte do público leigo, 2015; 5(1): 1478-1485.
14. REINALDO MAS e ROCHA RM. Visita domiciliar de Enfermagem em Saúde Mental: ideias para hoje e amanhã. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, 2002; 4(2): 36-41.
15. SANTOS JR. A abordagem da equipe de enfermagem do protocolo de parada cardiorrespiratória na unidade básica de saúde. *Revista Recien*, 2018; 8(22): 34-41.
16. TIPA RO e BOBIRNAC G. Importance of basic life support training for first and second year medical students--a personal statement. *J Med Life*, 2010; 3(4): 465-467.